

RESENHA

Habigzang, L. F. e Koller, S. H (2012). *Violência contra crianças e adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.

**Cloves Amorim¹
Jocilaine F. Ferreira²
Keila F. do Nascimento²
Willian R. do Amaral²**

O livro divide-se em três partes, sendo “Violência no contexto familiar”, do primeiro capítulo ao nono, “Violência em outros contextos”, do décimo capítulo ao décimo quinto, e “Intervenções em situações de violência”, abordagem dos demais capítulos. Nos capítulos são fornecidos subsídios teóricos e práticos sobre as principais discussões na área sobre violência contra crianças e adolescentes.

Luísa Fernanda Habigzang é psicóloga pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Pós-doutoranda em Psicologia pela UFRGS. Silvia H. Koller é Doutora em Educação pela PUCRS; professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS.

No primeiro capítulo, denominado “Rede de apoio social e representação mental das relações de apego de crianças vítimas de violência doméstica”, de autoria de Mayer e Koller, encontra-se a importância de duas variáveis no desenvolvimento de crianças vítimas dessa violência, sendo elas as redes de apoio e a representação mental das relações de apego. As autoras destacam que a identificação “da rede de apoio social de crianças, principalmente diante de situações de risco, podem acrescentar novos conhecimentos e subsidiar ações que visem desenvolver meios para minimizar e atenuar riscos. O apego, por sua vez, é a base para o reconhecimento e o desenvolvimento de relações estáveis e recíprocas, que são fundamentais para a formação de uma rede de apoio” (p.21).

No capítulo dois, intitulado “Abuso emocional parental contra crianças e adolescentes”, Antoni fornece subsídios para a identificação do abuso emocional em crianças, mostrando o impacto dessa violência e trazendo algumas estratégias de intervenções, baseadas em cinco aspectos principais: responsabilidade legal, tratamento aos abusadores, tratamento da criança abusada, tratamento da criança testemunha da violência conjugal e o tratamento da família que vivencia a violência.

O “Perfil da violência em famílias com história de abuso físico”, título e tema do terceiro capítulo, de autoria de Antoni e Koller, traça o perfil da violência intrafamiliar, avalia a interação dos conflitos entre os membros da família, os motivos, a frequência, a severidade e as estratégias adotadas para a resolução dos conflitos.

O quarto capítulo, “Desvendando segredos e dinâmicas familiares no abuso sexual”, elaborado por Santos, Pelisoli e Dell’Aglio, permite ao leitor conhecer padrões e dinâmicas familiares nos casos de abuso sexual infantil, a revelação de um segredo, o apoio à vítima e aos familiares envolvidos.

¹ Mestrando em Educação PUCPR (2011). Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

² Acadêmicos (as) do curso de graduação em Psicologia da Faculdade Evangélica do Paraná.

A percepção que meninas vítimas de violência sexual têm sobre si, sobre os outros e sobre o futuro é o foco central do estudo realizado por Hatzenberger, Habigzang e Koller, no quinto capítulo, com o título de “Análise das percepções que meninas vítimas de violência sexual têm sobre si, os outros e o futuro”, sendo que as autoras também realizam um mapeamento da tríade cognitiva.

No capítulo seis, “Violência na adolescência e formação da autoestima”, Assis, Avanci, Machado, Silva e Oliveira realizaram uma pesquisa com adolescentes de escolas públicas e particulares no município de São Gonçalo/RJ, cujo objetivo foi identificar a relação da violência na formação da autoestima de adolescentes. Concluíram que “não há dúvida do efeito nefasto das diferentes formas de violência sobre a saúde de crianças e adolescentes, embora ainda engatinhamos metodologicamente na capacidade de mensuração de um atributo tão complexo quanto à violência” (p. 91).

Em “Exposição ao abuso sexual infantil e suas repercussões neuropsicobiológicas”, elaborado por Borges e Dell’Aglio, apresentado no sétimo capítulo, são descritas as consequências do abuso sexual, destacando as repercussões neuropsicobiológicas do transtorno de estresse pós-traumático. Os autores revisam resultados encontrados em amostras com crianças e mulheres vítimas de abuso sexual e sugerem intervenções precoces junto às crianças vitimadas.

O oitavo capítulo, “Abuso sexual contra meninos”, Hohendorff, Bavaresco, Habigzang e Koller levantam, por meio da literatura, as características gerais das vítimas, dos agressores e do episódio abusivo e demonstram a necessidade de tratamento psicológico das vítimas, apresentando um caso clínico. Já no capítulo nove, “Adolescentes que abusam sexualmente de crianças ou de outros adolescentes”, Bianchini e Antoni apresentam o perfil dos adolescentes que abusam de crianças ou adolescentes e indicam a falta de pesquisas realizadas com esta população.

Possivelmente, as reflexões e contribuições dos autores da primeira parte desta obra possam atender aos questionamentos de Anna Arendt (1990), quando considerava que nenhum estudioso deveria ser alheio ao imenso papel que a violência sempre desempenhou nos assuntos humanos e que se surpreendia com quão pouco este fenômeno foi interrogado e investigado pelos cientistas. A parte I – Violência no contexto familiar – escrita com rigor e profundidade, considera as diferentes faces da violência, com maior ênfase no abuso sexual.

Amazarray e Koller, autoras do décimo capítulo “Assédio moral e violência psicológica”, discutem sobre a inserção de adolescentes e jovens no mercado de trabalho e como os riscos de sofrer com a violência psicológica e o assédio moral no trabalho podem tornar-se incidentes.

“Trabalho e violência” é o tema do décimo primeiro capítulo, elaborado pelas autoras Thomé, Telmo e Koller, no qual é relatada uma pesquisa com milhares de jovens de 14 a 24 anos. Dentre outras considerações, observou-se que ainda existem discriminações em virtude de aspectos que representam vulnerabilidade, como ser jovem, mulher, ser indígena, rural, pobre ou ter pouca educação. Já no capítulo doze, cujo tema é “Crianças em situação de rua”, de Finkler, Santos, Obst e Dell’Aglio, relaciona-se a violência contra crianças e adolescentes que, de alguma forma, brincam ou moram nas ruas.

No capítulo treze, os autores dissertam de que forma a vulnerabilidade familiar pode influenciar em questões como a violência e como a falta de atendimento personalizado nos abrigos, a rigidez e a inflexibilidade trazem consequências comportamentais, psicopatológicas e dificuldades de enfrentarem aspectos da vida diária deles. A violência na escola é o tema discutido por Lisboa e Ebert no décimo

quarto capítulo, no qual apresentam o *bullying* como subtipo de violência e definem os seus papéis sociais, englobando agressores, vítimas, agressores-vítimas, testemunhas, seguidores e defensores.

Pereira e Williams descrevem no capítulo quinze uma pesquisa que realizaram em Curitiba, em 2009, com 668 estudantes de quinta a oitava séries, de três escolas públicas. Os resultados apontaram que temas como a evitação de drogas, álcool, cigarros e violência são aceitos pelos jovens, mas que eles defendem de forma pouco prática seus objetivos sociais de paz, amor, alegria e saúde, que foram os temas mais citados pelos estudantes.

Os capítulos dez a quinze, que compõem a parte II da obra – Violência em outros contextos – apontam para as diferentes dinâmicas e modalidades de violência que afetam a juventude e põem em destaque a violência nas escolas, destacando que ela tem se tornado um dos principais focos das preocupações e queixas dos professores, gestores, pais e alunos e, em geral, com uma tônica de impotência, inércia, certo imobilismo e solidão. As ações preventivas e a descrição rigorosa das situações de violência escolar ampliam o repertório de todos os envolvidos nessa complexa dinâmica.

O décimo sexto capítulo, denominado de “Entrevista clínica com crianças e adolescentes de vítimas de abuso sexual”, é de autoria de Habigzang, Stroehrer, Hatzenberger, Cunha e Ramos. Nele constam definições e conceitos teóricos e práticos sobre o abuso, bem como técnicas que orientam sobre o *setting* terapêutico, a revelação do abuso, a prática do entrevistador e um modelo de entrevista semiestruturada.

A “Grupoterapia cognitivo comportamental para crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual” é o tema do capítulo dezessete, no qual é descrito o modelo de grupoterapia e os instrumentos de manejo utilizados em cada uma das dezesseis sessões aplicadas no tratamento com as vítimas de abuso. O capítulo é obra das autoras Habigzang, Stroehrer, Hatzenberger, Cunha e Koller. No capítulo dezoito, Ramos e Teodoro discutem a importância da capacitação dos profissionais que trabalham com vítimas de violência na infância e na adolescência. Fundamentam sua discussão na formação teórico-prática de maior qualidade para todos os profissionais envolvidos com vítimas de qualquer forma de violência e formulam propostas para uma melhor capacitação, inclusive com caráter mais interdisciplinar.

O décimo nono capítulo tem como título e tema “Maus-tratos contra crianças e adolescentes e o papel dos profissionais de saúde”. A principal discussão é a questão da identificação das diversas formas de violência e sua notificação, ao mesmo tempo em que informa sobre o nível de preparo dos profissionais de saúde envolvidos no processo de violência. As autoras Bannwart e Brino também fazem recomendações sobre cursos de capacitação para profissionais ligados à violência contra crianças e adolescentes.

O último capítulo desta obra, das autoras Souza, Amazarray, Poletto e Koller, tem como título “Juventude em cena: tecnologia social para a promoção da cidadania e enfrentamento à violência”. Nele é apresentado um programa utilizado com meninos e meninas de rua de vários programas e instituições da região de Porto Alegre/RS. O centro de estudos psicológicos do Rio Grande do Sul (CEP-RUA) foi o órgão responsável por aplicar o programa, que teve o intuito de ensinar, pesquisar e possibilitar estratégias de intervenção em crianças e adolescentes vítimas de abuso e violência.

Njaine e Minayo (2003) já afirmavam, há uma década, que as sugestões dadas pelos alunos para prevenir a violência nas escolas e melhorar a situação atual demonstraram um leque de possibilidades que dão uma visão do dinamismo desse processo [...] (p.132). Portanto, as descrições e propostas de intervenções em situações

de violência, parte III da obra em tela, capítulos 16 a 20, instrumentalizam os profissionais que desejem capacitar-se no atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência. Merece especial destaque o capítulo dezessete “Grupoterapia cognitivo comportamental para crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual: descrição de um modelo de intervenção”, uma vez que as autoras afirmam que o formato grupal tem apresentado resultados superiores no tratamento de crianças e adolescentes que experienciaram o abuso sexual.

Essa obra foi considerada um marco teórico para o nosso grupo de pesquisas, pois ao mesmo tempo em que preenche uma lacuna no campo teórico, contribui com rigorosas pesquisas para o entendimento das violências contra crianças e adolescentes. Ela convoca a todos – profissionais, pais, professores e sociedade civil – a abandonar o confortável lugar da indiferença e, de forma ética, técnica e competente, proteger e acolher as nossas crianças. Recomendamos a leitura da obra.

Referências Bibliográficas

Arendt, A (1990). *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Njaine, K.; Minayo, M. C. S. (2003). Violência nas escolas: identificando pistas para a intervenção. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, v.7, n.13, p.119-134.

Endereço para correspondência:

Cloves Amorim

Av. São José, n. 700, apto 5-A, Cristo Rei

80.050-350 Curitiba - PR

E-mail: clovesamorim@hotmail.com

Recebido em: 20/05/2012.

Aceito para publicação em: 19/06/2012.